

Finos Leitores

Jornal de Letras do UniCEUB

Editorial

Procura-se, com estas publicações, abrir espaço para a divulgação de textos produzidos por professores e alunos do Curso de Letras do UniCEUB.

São trabalhos importantes para os nossos leitores que poderão ter artigos, textos

literários, resenhas, ensaios, críticas, entre outros, publicados nas próximas edições. Nosso jornal virtual será bimestral e quer contar com número expressivo de matérias que possibilitem maior enriquecimento de nossos finos leitores.

Índice

Artigo	A cidade como texto e o texto da cidade	2
Artigo	Como estimular a leitura em salas de aula do Ensino Médio	5
Artigo	Por que o Método Qualitativo, e não o Quantitativo em Ciências Sociais?	7
Artigo	Repensando a leitura	9
Ensaio	Linguística, uma ciência democrática	11
Poesia	Jasminácea Kriação	12
Poesia	Soneto da aproximação impossível	12

Uma publicação do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB • Reitor : Getúlio Américo Moreira Lopes • Vice-Reitor: Edevaldo Alves da Silva • Pró-Reitora Acadêmica : Elizabeth Regina Lopes Manzur • Pró-Reitor Administrativo-Financeiro: Eduardo Elias Alves da Silva • Pró-Reitor de Legislação e Normas : Lauro Franco Leitão • Secretário-Geral : Maurício de Sousa Neves Filho • Diretor Acadêmico: Carlos Alberto da Cruz • Diretor Administrativo-Financeiro: Eduardo Cláudio de Leão Bastos • Diretora da Faculdade de Ciências da Educação: Dalva Guimarães dos Reis • Coordenadora do Curso de Letras : Maria Helena Viana de Souza • Expediente: O jornal Finos Leitores é uma publicação virtual bimestral da Coordenação de Letras do UniCEUB, a cargo de professores e alunos da instituição. • Editoração e revisão: Cândida Cardoso Campos Guth. • Contato: Coordenação de Letras • Editoração eletrônica : CPD UniCEUB • Matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade dos autores. Direitos autorais reservados. Citação parcial permitida com referência à fonte.

A cidade como texto e o texto da cidade

Patricia Peterle
UNESP

A cidade aos poucos vem assumindo um novo papel no qual as relações com seus habitantes são mais intensas. A direção do olhar muda e agora o que está em foco é o espaço ao redor e o que nele está contido. A observação mais atenta e a reflexão do objeto selecionado aumentam a interação entre cidade e habitante. A metrópole não só interage com os indivíduos que nela habitam, mas também os representa em suas ruas, praças e monumentos; passando a ser um interlocutor que se comunica mediante suas construções e formas. Se esse espaço acumula as diferentes representações das várias sociedades que nele se estabeleceram e por ele passaram, pode-se traçar um paralelo entre esse mesmo limite geográfico e um museu. Sendo o museu tradicional um lugar onde são conservados os objetos históricos de valor artístico que podem ser apreciados durante uma visita, é bastante oportuno estabelecer ligações entre o museu tradicionalmente conhecido e a cidade. Uma visita também pode ser feita, por exemplo, a Roma, cidade berço da civilização ocidental, onde construções históricas com um imenso valor artístico se apresentam e são protegidas, mantidas e constantemente restauradas. O Fórum Romano, o Coliseu, a Via Apia são só alguns exemplos de objetos que podem ser identificados nesse grande museu de experiências humanas que é a cidade. Como na capital italiana, em qualquer outra cidade está inscrito o seu passado e presente, que podem ser captados e lidos a qualquer momento por um leitor mais atento. O espaço urbano, portanto, passa a ser visto e pensado de outra forma: a cidade como texto. Um texto diferente, ainda de difícil compreensão porque requer o conhecimento de diferentes áreas do saber e ilegível para muitos, mas possuidor de signos

constitutivos como qualquer outro: a sinalização dada pelas placas, as ruas paralelas e transversais, praças, cruzamentos, jardins e monumentos são alguns dos elementos que ajudam a tecer o texto urbano que, antes de tudo, é o produto de um universo cultural movente e transitório. Segundo Clifford Geertz (1989), a cultura é um todo complexo, dentro do qual encontram-se os acontecimentos sociais, as instituições, os comportamentos humanos – que estão dispersos na zona urbana. Pensar a cidade passa a ser, então, pensar o lugar do homem, um emaranhado de nós e teias significantes que formam uma grande e complexa rede; é refletir no modo como uma determinada cidade comunica o seu estilo particular de vida, o seu ethos, o conjunto de valores, crenças, comportamentos explícitos e implícitos (Canevacci, 1997, 20), uma síntese de um todo complexo que é a sociedade.

Como texto escrito e inscrito, a cidade é uma imensa rede composta por inúmeras estruturas significativas sobrepostas que demandam interpretação(ões). É nesse complexo e múltiplo ambiente que se desenvolvem a arquitetura, o urbanismo, os movimentos sociais, os sindicatos e os partidos políticos que contribuem para a constituição da zona urbana que ainda sofre mudanças que (re)afirmam a transitoriedade e a efemeridade, um marco intrínseco à metrópole.

É um laboratório ao ar livre marcado por uma grande variedade de experimentos, por isso pode-se dizer que o espaço urbano é uma representação, ou melhor, um simulacro do homem e, portanto, da sociedade, pois nele estão contidas as marcas e características daqueles que por lá passaram ou viveram. Um simulacro, talvez seja esse o melhor conceito, para descrever a relação entre habitante e espaço urbano. Tanto o primeiro quanto o segundo possuem elementos que identificam e diferenciam um e outro, além

continua

A cidade como texto e o texto da cidade

daqueles que lhes são realmente diferentes. Do mesmo modo que a cidade contém elementos detentores de significado que trazem à memória a presença do habitante, existem neste algumas marcas que apontam para o espaço urbano do qual ele é proveniente. Todavia, tal correspondência não significa que a cidade é o habitante e vice-versa. Cada um deles, valendo-se de seus próprios signos, menciona o outro. A cidade não é uma cópia de seu habitante e nem ele é uma cópia do espaço ao seu redor. Trata-se de uma relação de simulação na qual um tenta simular o outro sem deixar de lado as próprias características.

Assim como a cidade, o livro de certa forma é também um laboratório, mas do escritor. A relação entre o papel, a caneta e o autor é íntima e cúmplice. Nas páginas, ainda em branco, ele irá combinar um pouco de fantasia com a sua experiência de vida e de leitor. A zona urbana está para a sociedade assim como o livro está para o escritor. Sociedade e escritor têm a oportunidade de experienciar e deixar suas marcas registradas. A cidade é o livro de registro da sociedade como o livro o é do escritor. Tal explica o fato de ser construída e formada por aqueles que nele habitam e inscrevem a sua história, como afirma Lynch: Uma cidade é uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguido por muitas mãos num período de tempo relativamente rápido. (Lynch, 1999, 101) Mutável, por ter como marca desde o seu início a transitoriedade e polivalente por possuir vários significados e funções. A partir de uma macrovisão, a cidade pode ser interpretada como uma representação do homem, um indivíduo que teve de se adaptar a uma nova ordem social e, portanto, não apresenta mais tantas características fixas e passa a desempenhar variadas funções de acordo com o seu múltiplo universo. A cidade é o lugar do olhar, um olhar que registra

diferentes elementos que compõem o texto urbano, uma rede imbricada de signos. Essa frase de Canevacci confirma a correlação já apresentada entre a cidade e museu, porque este último também é um lugar do olhar. Resgatando esta similitude, o museu se apresenta como um local onde os objetos encontram-se expostos e muitas vezes destacados para serem mais observados e admirados como acontece com alguns elementos da própria zona urbana. A cidade fala de seus habitantes da mesma forma que eles falam do espaço em que vivem. É o modo de olhar que define a imagem e a representação. Aprender a zona urbana ou partes dele implica estar atento para o conjunto de elementos que a compõe e os seus diversos significados.

A cidade, portanto, além de interagir com o habitante-transeunte e ser um possível interlocutor, é um conjunto de lojas, bares, sinalizações que dá forma e contorno aos seus espaços que como as frases de um livro inscrevem significados. A zona urbana é vista e interpretada, então, como um texto latente que necessita de ferramentas para ser compreendido e lido, entre elas o olhar é fundamental. É o exame atento do transeunte que identifica e imprime significado aos emblemas e marcos que a sua lente ocular selecionou dentro deste contexto tão polimórfico.

O espaço urbano é aqui lido e interpretado como um livro e como tal passa a apresentar o pré-requisito da leitura, um processo em que o olhar é imprescindível e assume um outro papel diante da nova configuração do espaço urbano. Um lugar que congrega as diferentes áreas do conhecimento humano e, portanto um estudo que necessita e engloba diferentes especialistas. A realidade urbana está ligada a um sistema de significação, como aponta Geertz, dependente de relações fixas e valores compartilhados, transformando a cidade em uma síntese capaz de conter e reunir diferentes conteúdos interdisciplinares, como

continua

Artigo

A cidade como texto e o texto da cidade

confirma Barthes: quem quisesse esboçar uma semiologia da cidade deveria ser ao mesmo tempo semiólogo (especialista em signos), geógrafo, historiador, urbanista, arquiteto e provavelmente psicanalista. (Barthes, 2001, 219) Logo, o perfil da zona urbana, ou melhor, a sua fisionomia, está intrinsecamente ligada ao olhar do observador, é ele que dá forma à paisagem urbana. Atribuindo um significado para aquilo que o cerca, os diferentes modos de vestir-se, de circular, de falar, de gesticular, de construção arquitetônica, que estão contidos na paisagem urbana. A cidade que antes era esfumada e invisível é agora visível e o olhar atento consegue registrar, como uma lente ocular, tudo e é ainda capaz de apreender e reconhecer os inúmeros fragmentos que a compõe. Assim, o espaço em torno dessa lente passa a ser desvendado: ruas, placas, cruzamentos, construções, monumentos, jardins assumem uma outra dimensão no entendimento e convívio com a paisagem urbana.

Um conjunto de signos, uma estrutura legível que pode ser facilmente compreendida, mas não preenchida. Na verdade, o seu preenchimento é feito ao longo dos tempos, a partir das atitudes e dos modos de interação de seus habitantes e da história que ali inscrevem. Quanto à compreensão deste espaço é necessário um olhar atento que seja capaz de reconhecer os inúmeros signos e também de manter um diálogo contínuo com o que é observado. O caminhar pela cidade pode se transformar em um diálogo e em uma viagem enriquecedores pelo universo urbano, pois os atos de caminhar formam um conjunto que, transcritos, correspondem a verdadeiros mapas topográficos. O olhar atento, curioso, fascinado e inquieto do viajante pode captar e registrar imagens, fragmentos de imagens que juntos compõe a sua caminhada e é essa experiência que dá forma e conduz os relatos. Tendo a

oportunidade da viagem o observador tem tempo de rever seus conceitos e observar o mundo a partir de um outro ângulo. É esse processo que geralmente a viagem introduz na literatura: um percurso exterior que quase sempre corresponde a um outro interior, uma metáfora de algo que está para sofrer algum tipo de mudança, podendo conter diferentes significados.

O observador andarilho vê a cidade de uma forma diversificada dos demais habitantes, transfigura as construções, os marcos e os monumentos que passam a apresentar um outro valor, relatando o presente e a história de uma grande e complexa organização. A escolha de um determinado percurso e não outro implica uma série de elementos que delineiam o perfil tanto do transeunte quanto do traçado escolhido. Cada indivíduo define a sua rota e ao defini-la, características suas também afloram. A cidade, então, além de interagir com o habitante-transeunte e ser um interlocutor é também um conjunto de sinalizações que dá formas às suas ruas e a seus espaços que, como as frases de um livro juntas, delineiam um texto no qual o olhar é essencial para a observação e decodificação dos signos e emblemas urbanos.

Bibliografia:

CANEVACCI, M. A cidade polifônica ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

LYNCH, K. A Imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CALVINO, I. As cidades invisíveis. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BARTHES, R. Semiologia e urbanismo. In Aventura semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IANNI, O. Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Artigo

Como estimular a leitura em salas de aula do Ensino Médio

Marcelo Rodrigues Goulart
Aluno do Curso de Letras – 7º Semestre -
UniCEUB

Nos dias de hoje, uma preocupação tem se abatido sobre pais e mestres, no que tange à melhor preparação de seus filhos e alunos para os desafios do mercado de trabalho e do próprio convívio social: o hábito da leitura, ou melhor, a constatação, entre os jovens, da contínua decrescência desse hábito.

As causas do repúdio pela leitura ligam-se, basicamente, à evolução tecnológica, que tem gerado meios de entretenimento cada vez mais variados, cada vez mais sofisticados e cada vez mais acessíveis, como televisores, aparelhos de som, de vídeo e de DVD, *home theaters*, jogos eletrônicos, computadores e a Internet. Diante dessa pletera de opções e de seu imenso magnetismo, o jovem passa a ver os livros como diversão de segunda ordem e, simplesmente, "deixa de ter tempo para ler".

Esse desinteresse pela leitura, no entanto, muito inquieta a maioria dos pais e a totalidade dos professores, na medida em que ambos os grupos, tendo praticado e sendo praticantes da leitura, reconhecem a importância de seu papel na formação cultural e moral da pessoa, em termos gerais, e, em particular, na preparação de usuários competentes da língua materna e de outras línguas das quais os leitores tenham eventual conhecimento. Além disso, no campo do exercício mental, poucos dos integrantes da atual parafernália tecnológica possuem a capacidade que tem o livro de açular a imaginação e a criatividade daqueles que dele fazem uso.

Diante desse quadro, aflora entre pais e mestres a indagação: como estimular a leitura entre seus filhos e alunos? Essa tarefa, evidentemente desafiadora, implica inevitavelmente uma estratégia fundamental: há de se convencer o jovem

de que a leitura é algo tão ou mais interessante que todas as outras coisas que ele prefira fazer para se divertir.

No que se refere ao professor, é preciso, preliminarmente, que ele se mostre a seus alunos como alguém que leu e que lê, e que gosta cada vez mais de fazê-lo. Aludindo com insistência a leituras atuais e passadas; externando a satisfação que determinadas obras lhe proporcionaram; evidenciando que parcela de seu saber tem origem extraclasse, por ser oriunda de livros lidos; afirmando seu entusiasmo pelo hábito de ler, o professor estará com base no carisma que a profissão a priori lhe confere conduzindo seus alunos em direção à leitura, de forma discretamente sedutora.

Adicionalmente, ações mais ostensivas podem e devem ocorrer em sala de aula, sendo a atribuição de tarefas de leitura, senão a mais eficaz, pelo menos a mais freqüente dentre elas.

Ao se atribuir trabalhos de leitura, avulta a suprema importância da seleção das obras a serem lidas. Como já foi dito, a desafiadora tarefa de formar leitores na "Era da Informática" não pode prescindir de um alto grau de astúcia e do abandono de convicções conservadoras. O que se quer é que o jovem adquira o hábito de ler. Ele deve, portanto, ser conduzido a obras que lhe proporcionem satisfação. Em outras palavras, o jovem deve ler literatura, e literatura de elevada qualidade, ou seja, aquela que, além de entretê-lo, contribua para sua formação como pessoa e cidadão. Sob tal ótica, não há por que limitar a seleção aos clássicos da literatura brasileira, enquanto obras literárias de outras culturas também tenham potencial para formar pessoas e cidadãos e, principalmente, para "aprisionar" a atenção e o interesse do leitor. "Os meninos da rua Paulo" foi um dos livros que li em minha juventude, por imposição escolar. Trata-se da descrição dramática de parte da vida de jovens que viviam nessa rua, em

continua

Artigo

Como estimular a leitura em salas de aula do Ensino Médio

Budapeste, capital da Hungria. Os nomes em húngaro eram de difícil pronúncia, o que, longe de me desinteressar, conferia ao livro um "quê" de mistério que mais me atraía. O contexto em que os jovens personagens atuavam, por sua semelhança com aquele em que eu próprio vivia no seio familiar e em minha vizinhança, otimizava meu interesse. Resultado: passadas três décadas, a lembrança da leitura dessa obra me é indelével...

Na atribuição da tarefa de leitura, pode-se propor uma obra que venha a interessar a todos os alunos o que, naturalmente, não é tão fácil ou pode-se propor dois ou três títulos, com temática variada, de forma que cada aluno busque aquele que mais lhe interesse. Essa linha de ação será tão mais adequada quanto mais diversificado for o universo dos alunos (rapazes, garotas, gente de camadas sociais diferentes, amplitude de faixa etária et cetera), na medida em que faz face, convenientemente, às sempre presentes diferenças de sensibilidade e personalidade. Nesse ponto, diante dos que possam pensar ser complicado ter uma classe lendo, ao mesmo tempo, livros diferentes, é importante frisar que o que está em jogo é o proselitismo literário: qualquer técnica é boa, desde que apresente como resultado o aumento de alunos que façam da leitura um hábito de vida. Ademais, há de se considerar a provável situação em que os alunos que tenham lido o livro "A" venham, em conversação informal ou em oportunidades criadas pelo professor, veicular seu entusiasmo pelo que leram e, com isso, estimular os colegas que leram os livros "B" e "C" a também ler o livro "A", em atividade extra-classe.

Como fecho da atribuição da tarefa de leitura, deve-se organizar discussões em grupo quando será trabalhado aquilo que foi lido. Naturalmente, como forma de viabilizar o debate, cada grupo deverá ser

composto por alunos que leram a mesma obra.

Nessas discussões do livro, o que menos interessa é o resumo, oral ou escrito, da obra lida, uma vez que, todos tendo realizado a leitura, todos conhecem a trama. O foco dessas discussões deve recair, ao contrário, sobre aspectos tais como as opiniões dos leitores sobre o livro lido; quais as situações, circunstâncias e contextos presentes na obra que já tenham ocorrido ou que poderão ocorrer na vida dos integrantes do grupo; lições extraídas do texto que, uma vez aplicadas, tornarão os leitores melhores colegas, melhores pessoas, melhores cidadãos. Em suma, tais discussões em grupo, tendo o livro como pano de fundo, deverão estimular os alunos a verbalizar suas emoções e pontos de vista, com vistas ao propósito maior: a integração de experiências de vida no sentido livro leitor colegas, com indiscutível ganho para toda a classe.

Artigo

Por que o Método Qualitativo, e não o Quantitativo em Ciências Sociais?

Harrison da Rocha
Professor de Língua Portuguesa e
Linguística do UniCEUB

Qual é a função das teorias no processo de pesquisa? As teorias são versões do mundo. Como não se produzem verdades absolutas ao se fazer ciência, também não se produzem teorias válidas e aplicáveis a todo objeto de estudo. Por isso, elas não são visões corretas ou erradas sobre determinados fatos, mas recortes pelos quais o mundo é visto. Desse modo, são preliminares e relativas.

Mesmo teorias de maior rigor positivista são refutáveis. Haja vista verdades que foram negadas, como, por exemplo, que a Terra era plana, que o átomo era uma partícula irreduzível, que o Sol girava em torno da Terra etc. Vejamos os caminhos por que tem passado a Ciência.

O Racionalismo Cartesiano predominou no século XVII (Descarte, Malebranche, Spinoza e Leibniz). Este movimento questionava quais eram a origem, a essência e o alcance das idéias por meio das quais o conhecimento se constitui. Para seus pensadores, as idéias poderiam ser de três tipos: adventícias (percepção da realidade exterior), fictícias (fruto da imaginação) e inatas (congenitas). O Empirismo Inglês, século XVII (Bacon, Locke, David Hume), negou a existência de idéias inatas e defendeu o conhecimento das percepções e vivências reais do indivíduo. O Idealismo Alemão, século XIX (Kant, Hegel), caracterizou o conhecimento como estando a serviço da lei moral. O Positivismo, metade do século XIX (Augusto Comte), era uma ciência geral das diferentes ciências particulares; deu ênfase à experimentação em oposição à especulação. Esse movimento afirmava que haveria uma ciência unificada compartilhando a adoção de um, e um só método científico.

O Positivismo Posterior era um

empirismo radical: à ciência cabe observar e analisar os dados da realidade sem indagação transcendental ou metafísico, e sem apelo a entidades não-físicas.

Segundo Flick (2004), durante muito tempo, as ciências sociais foram comandadas pelos métodos rígidos do positivismo. O objetivo era documentar e analisar a frequência e a distribuição dos fenômenos sociais na população. O que implicava atenção especial para o desenvolvimento de métodos quantitativos padronizados. Nesse método, até hoje, os estudos são planejados de tal forma que a influência do pesquisador (entrevistador, observador etc.) possa ser excluída ao máximo. Assim, deve-se garantir a objetividade do estudo, eliminando-se, em grande parte, as opiniões subjetivas do pesquisador, bem como daqueles indivíduos participantes da pesquisa. Ainda segundo o mesmo autor, desse modo não se dá voz ao(s) sujeito(s) entrevistado(s). Mas, apesar de todos os controles metodológicos, a pesquisa e suas descobertas são inevitavelmente influenciadas pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos.

Como poderiam a Linguística, a Sociologia ou a Antropologia empregar os mesmos métodos e conceitos das ciências naturais? A tendência atual é aceitar uma multiplicidade de métodos de investigação científica, variável de ciência para ciência.

As diferenças entre o método qualitativo e o quantitativo diferenciam, também, em grande parte, o método das ciências naturais do das ciências sociais. Cada método baseia-se em uma compreensão de seu objeto e estão incorporados ao processo de pesquisa. Na pesquisa qualitativa, as idéias centrais que conduzem a pesquisa diferem daquelas empregadas na pesquisa quantitativa. Essas características são: escolha correta de métodos e teorias oportunos; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos

continua

Artigo

Por que o Método Qualitativo, e não o Quantitativo em Ciências Sociais?

pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento; e, por último, na variedade de abordagens e métodos. Desse modo, devemos ter em conta que o método qualitativo não considera apenas um conceito teórico e metodológico unificado, por isso várias abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e a prática da pesquisa. Veja-se segundo Bauer (2003), tabela 1.3 Diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa:

	Estratégias Quantitativas	Qualitativas
Dados	Números	Textos
Análise	Estatística	Interpretação
Protótipo	Pesquisas de opinião	Entrevista em profundidade
Qualidade	<i>Hard</i>	<i>Soft</i>

Por que a pesquisa qualitativa para as ciências sociais? Em primeiro lugar, a metodologia quantitativa pura não serve para pesquisas de cunho interacional e social da linguagem, pois valoriza sobremaneira o corpus, atém-se rigidamente aos dados, mesmo quando esses abrem outras possibilidades de análise. Por outro lado, ela é orientada para analisar os casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas e dos grupos agindo em seus contextos locais.

Segundo Cameron (1992) e Thomas (1993), a pesquisa de cunho social, por meio do método qualitativo, trouxe diferentes instrumentos e recursos para a coleta de dados: a análise etnográfica, a observação do fenômeno durante a investigação, as entrevistas estruturadas ou não, os questionários, os vídeos, as gravações em áudio, as fotografias e o exame de documentos foram alguns desses novos recursos.

As afirmações feitas anteriormente não implicam dizer que a abordagem qualitativa

seja superior à quantitativa, ou que as duas são incompatíveis. O que irá desvelar a importância de cada uma ou as duas em conjunto serão os propósitos da pesquisa e a natureza do objeto a ser estudado. A oposição entre os dois métodos está vinculada a diferentes posturas teóricas como o positivismo versus o construcionismo ou pós-positivismo (Flick, 2004). Como se poderiam unir os dois? Eles podem ser unidos de diversas maneiras em uma pesquisa. Um exemplo seria, em um estudo de campo, acrescentar maior profundidade aos resultados da primeira etapa do levantamento qualitativo; ou o qualitativo, por meio de uma intervenção experimental no campo, comprovar os dados de um levantamento quantitativo. O objetivo deste trabalho não é unir os dois métodos, e sim assumir por completo o qualitativo.

Nesse sentido, segundo Vieira (2001) e Flick (2004), a informação global substituiu a visão parcial do objeto investigado e abre uma variedade de perspectivas sobre o objeto, partindo dos significados subjetivos e sociais a ele relacionados. Em virtude dessa nova abordagem, foram recuperados não apenas a visão integral de pesquisa como também o processo de construção do conhecimento. Isso amplia também a possibilidade de se analisarem dados para além do texto, aumentando, desse modo, as categorias de análise. Com isso, não só analisa os vários ângulos de um único objeto pesquisado, mas considera vários dados que complementam os objetivos de uma pesquisa.

Finalizo fazendo minhas as palavras de Bomß e Hartmann (1985, apud Flick (2004): Na condição do desencantamento dos ideais objetivistas, não podemos mais, irrefletidamente, partir da noção das frases objetivamente verdadeiras. O que fica é a possibilidade de enunciados que se relacionam a sujeitos e a situações, e que devem ser estabelecidos por um conceito sociologicamente articulado de conhecimento.

Artigo

Repensando a leitura

Denise Silva Macedo

Aluna do Curso de Letras - 7º semestre
UNICEUB

O que vem a ser um fino leitor? A expressão nos remete à concepção de alguém com delicada sensibilidade na análise do texto. Mas como se tornar tal leitor?

Um dos objetivos propostos pelos novos Parâmetros Curriculares Nacionais no ensino de Língua Portuguesa é levar o aluno a, dentre outras habilidades: saber distinguir e compreender o que dizem os diferentes gêneros de textos, entender que a leitura pode ser uma fonte de informação, de prazer e de conhecimento e ser capaz de identificar os pontos mais relevantes de um texto.

Essas propostas passam, necessariamente, pela apropriação da leitura como prática social. Em outras palavras, não basta aprender a ler (e a escrever) tornar-se alfabetizado é preciso atingir o letramento, definido como o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura (e de escrita) que circulam na sociedade em que vive. Letramento é a idéia de que estamos mergulhando na cultura letrada; não é o reconhecer letras, mas todos os sinais que têm significação, pois o homem é o sujeito do sentido (“Por que eu faço parte disso? Por que eu faço isso?”). Para Magda Soares, “letramento é informar-se por meio da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir com a imprensa diária, fazer uso dela...”.

Ler é o exercício do cérebro. Assim como nadar é uma habilidade que exige treino, ler também é uma conquista. Exige horas de dedicação e, muitas vezes, de renúncias. É o movimento de aquisição não só do código, mas de conhecimento de mundo.

Então, chegamos à pergunta recorrente nas salas do curso de Letras: “Se aquele que se forma em história é

historiador, em geografia, é geógrafo, quem se forma em letras é o quê?” A resposta é relativamente simples: somos letrados, mas não apenas no sentido de quem é versado em literatura e línguas. Para nós, nossa língua é mais do que instrumento de transmissão de mensagens. É o discurso que se materializa segundo suas condições de produção. O aluno de Letras, portanto, sabe o que ler, para que ler e como ler. Ser fino leitor é mais do que conhecer as letras. É entregar-se à fruição do texto. É, ainda, destacar-se em meio aos demais que, como o esposo de Sherazade, querem sempre (e apenas) saber o que acontece depois. Utilizando a frase de Edward M. Foster, no excelente livro *Aspectos do Romance*: “nada há em nós senão nossa primitiva curiosidade”. Parafraseando o mesmo autor, consideremos a morte da rainha. Muitos perguntariam “e depois?”. O aluno de Letras pergunta: “por quê?”. A resposta exige inteligência e memória. O aluno-de-Letras-fino-leitor reconhece o ritmo do texto. Pode ouvi-lo e tamborilar com os dedos.

Se um dos objetivos perseguidos pelo ensino de português é criar situações em que os alunos tenham oportunidade de refletir sobre os textos que lêem

Há, ainda, que se primar pela diversidade textual. “A língua é um conjunto de possibilidades. Com o tempo nos tornamos políglotas em nosso idioma”, é o que afirma Dad Squarisi. Assim, cada área tem um código próprio. Quem quiser participar de várias conversas e leituras, precisa dominar esses códigos. Os que dominam as várias línguas da língua interpretam vários textos, anúncios e mensagens, sem problemas.

Ao se levar em consideração o contexto em que o texto é produzido e as vivência e realidade do aluno, aumenta-se a possibilidade de atrair a atenção do aluno-leitor. Essa idéia corrobora o princípio da leitura e seus três protagonistas: texto-mundo-leitor.

continua

Artigo

Repensando a leitura

A mensagem do texto deve relacionar-se com o leitor e sua realidade. Esta é a função formadora da leitura. Segundo tal princípio, é o leitor, partindo de sua compreensão de mundo, que dá vida ao texto.

Os textos literário, jornalístico, econômico, publicitário, acadêmico, entre outros, são vozes de seus autores, que chamam o leitor a dialogar e a refletir. Nessa interação está a formação de leitores. Portanto, induzir o leitor a informar-se do que lhe cerca e interagir com seu mundo é a ferramenta para a conquista de leitores. Para essa manutenção, a escolha das obras deve atentar para aquelas ricas em experiências e assuntos ligados ao universo do leitor ou que falem sua linguagem. A preocupação não deve, portanto, ater-se à escolha de obras com rígidos sistemas de avaliação da leitura e aquisição de vocabulário. Ainda, o professor deve ter claro quais objetivos pretende atingir. Na análise da obra deve considerar: o texto está bem-escrito? Conta história do universo dos estudantes? Prende sua atenção? Está de acordo com a faixa etária? Suscita problemas e suas soluções? Qual ideologia perpassa as entrelinhas do texto?

Assim é que nas aulas para o ensino médio torna-se importante o uso de textos como os jornalísticos, que retratam o dia-a-dia da comunidade e do mundo do leitor; o publicitário, com forte apelo ao interesse juvenil e o literário, que pode ser explorado com analogias a aspectos da vida do educando. Assim é essencial a descoberta coletiva (aluno e professor) dos modos de ler que produzam prazer e conhecimento.

A contextualização dos textos é também o princípio preconizado pelos atuais PCNs para a formação de leitores. E é também a partir de tal princípio que Juracy Saraiva afirma: "A leitura é mais que descoberta e revelação: é a posse da linguagem que conduz à autocompreensão e ao estabelecimento de ricas relações interpessoais".

Ser leitor é arriscar-se, expor-se, opinar. A escola tem de ter professores que se posicionem diante de um texto. Por que ninguém se voluntária na sala para ler um poema, por exemplo? Ele sabe que ler é expor sua emoção. O texto desnuda o leitor.

Ensaio

Linguística, uma ciência democrática

Carlos Esteban Figueroa
Aluno do 8º Semestre de Letras

Quando a linguística surgiu no início do século XX, talvez nem seu próprio criador, Ferdinand Saussure imaginasse o alcance, os desdobramentos e as possibilidades de democratização linguística que esta ciência traria para a humanidade.

Ao longo de mais de dois milênios de história ocidental, o enorme poder da língua sempre esteve restrito a uns poucos: filósofos, imperadores, clérigos, oradores, literatos, reitores e políticos. Podemos verificar isto, por exemplo, na importância que se dava antigamente à disciplina retórica nas grades curriculares acadêmicas. Se observarmos quais são algumas das palavras cujo radical seja “re”, entenderemos um pouco mais da importância da retórica na formação clássica. Algumas dessas palavras são: *reto, correto, reitor, corretor, corretivo, retificar, reger, regência, regente, corrigir, etc.* Fica claro então a divisão de posições e de hierarquias que estes vocábulos estabelecem semanticamente para os indivíduos: “quem sabe e quem não sabe”, “quem faz torto e quem retifica”, “quem faz e quem corrige”, “quem pode e quem não pode” enfim, “quem manda e quem obedece”.

Isto evidencia que a língua, como instrumento de poder político, jurídico, acadêmico, literário e até divino (no caráter pontifício que a igreja e as sagradas escrituras assumem perante o homem), sempre esteve na mão de uns poucos, restando à grande massa do povo ou vulgo, uma língua considerada precisamente “vulgar”, de baixa categoria, e que tinha a mera finalidade de possibilitar a comunicação (oral) entre os indivíduos do povo.

Este panorama linguístico, fortemente hierarquizado e altamente preconceituoso, começou a mudar com o advento e a estruturação da Linguística como ciência.

Alguns dos motivos para que estas mudanças começassem a operar foram: a linguística ter trazido a objetividade e a falta de preconceito que caracteriza as ciências. Segundo Lúcia Maria Pinheiro Lobato: “A linguística moderna se caracteriza por se abster de quaisquer julgamentos de valor” (1986 p. 26). Com relação às diferentes variações linguísticas, diatópicas, diastráticas ou diafásicas que uma língua pode apresentar, ela afirma: “*Quanto ao preconceito sobre as variantes de uma língua, considera o lingüista que não existem variantes inferiores: toda variação no uso de uma língua é lógica, complexa e regida por regras gramaticais. O que leva à escolha de uma como superior às demais são considerações culturais ou políticas, ou seja, extra-lingüísticas*” (1986 p. 26; e o desequilíbrio produzido pela supervalorização que a língua escrita detinha em relação à língua falada e que começou a minimizar-se com a chegada da linguística.

No primeiro momento, uma prova contundente que contribuiu para este processo de re-equilíbrio acontecer, foi o trabalho de pesquisa realizado por Bloomfield e outros antropólogos norte-americanos que começaram a resgatar, registrar e ordenar as diferentes línguas dos indígenas norte-americanos os quais se encontravam naquela época em processo de extinção. Estes estudos demonstraram que as línguas que não tinham código escrito sistematizado apresentavam um grau de organização e um leque de possibilidades expressivas tão amplos quanto os das línguas que possuíam dito código.

Este processo de democratização que a linguística propõe está apenas começando. Por isso, cabe a nós professores de língua, sermos multiplicadores dos princípios desta ciência que, com certeza, contribuirá decisivamente para que cada ser humano recupere a auto-estima linguística, requisito básico para a conquista da cidadania.

Poesia

JASMINÁCEA KRIAÇÃO

Wilson Lira Lemos (Waril)
Aluno do 8º Semestre de Letras

De onde estou
O que vislumbro!
Vislumbro as suas asas
Sob as quais, você acolhe seus filhos

Vislumbro o seu bico,
Onde está o poder, o centro das decisões e justiça
Corteados pelos e para os quais você foi criada

De onde estou!
Em seu meio,
Vislumbro a natureza verde,
A alegria de teus filhos,
O som das águas, aqueles que foram concebidos,
Para acolher os que não fazem parte de ti.

Vislumbro!
O forte daqueles que recebem conhecimentos
Para dar segurança maior que você.
E ainda, os templos de alegria, saúde e
velocidade.

De onde estou!
Em teu meio, vislumbro, em tua cauda,
Os teus portais.

A silenciosa e última
Morada do teu criador
A árvore que a ti norteia

Vislumbro tu!!
Que me recebestes
No seio de tua beleza
tua grandeza e teu amor
E é por isso que te amo BRASÍLIA!

Poesia

Soneto da aproximação impossível

Guilherme Oliveira Pedrosa
1º Semestre de Letras

Anchieta moderno,
Perto d`água poeta
Alma (areia, olho, vaga)
Escreve, lê, apaga.

Tal um novo Anchieta
Deslizo à beira-mar
Coração (um cometa)
Sabe amar, desamar.

Anchieta inútil,
Iludido no lúdico,
Eis que fazem por mim

Hino à Virgem nenhuma
E o grande estopim Se dissolve na
espuma